

O Dia que a Mariana não queria

Autora: Eunice Guerreiro

Ilustrador: Pedro Cifuentes

Coordenadoras científicas:

Rute Agulhas e Joana Alexandre (ISCTE-IUL)



O Dia que a Mariana não queria

Autora: Eunice Guerreiro

Ilustrador: Pedro Cifuentes

Coordenadoras científicas: Rute Aguilhas e Joana Alexandre (ISCTE-IUL)

Consultores:

Alexandra Anciãe (psicóloga)

António José Fialho, Juiz de Direito - 3.ª secção de família e menores do Barreiro

Membro da Rede Internacional de Juizes da Conferência da Haia de Direito Internacional Privado

Alcina Costa Ribeiro (Juíza)

Cláudia Leirião (psicóloga)

Gonçalo da Cinha Pires (Juiz de Direito)

Joaquim Silva (Juiz de Direito)

Julieta Monginho (Procuradora do Ministério Público)

Luis Silva (advogado)

Rui Alves Pereira, Advogado, (Sócio Coordenador da Área de Prática de Clientes Privados de PLMJ, Sociedade de Advogados, RL)

Patrocínio: Conselho Regional de Lisboa da Ordem dos Advogados

Apoio: CEJ

Depósito legal:000000000

Impressão: Gráfica

Data de impressão: 00 Setembro de 2016

Ao acordar lembrou-se... lembrou-se e pensou que, se não abrisse os olhos, talvez a noite se prolongasse um pouco mais e o sol não nascesse, enroscado na preguiça dos seus lençóis dourados. Aquele dia era o dia que a Mariana não queria, o dia que infelizmente chegara. Com um nó no estômago, levantou-se,



olhou-se ao espelho do quarto e nem os recortes da sua banda preferida lá colados, nem as fotos tiradas com as amigas lhe trouxeram o habitual sorriso que devolvia a si mesma todos os dias ao acordar. Aquele dia parecia-lhe cinzento, apesar do sol que brilhava lá fora. Era o dia de ir ao tribunal. Não era o facto de entrar num tribunal que mais a assustava, mas temia que as palavras que dissesse não fossem compreendidas, que trouxessem mudanças que ela não queria, que magoassem quem ela não queria magoar.

Abriu a porta do armário e pensou 'que roupa se veste para ir a um tribunal?' Existem roupas para a praia, para as festas de aniversário, para fazer desporto... e para os tribunais? Enfim, uns jeans, uma camisola e uns ténis. O mais simples, para que ninguém reparasse muito nela.

Secretamente tinha a esperança de que se esquecessem de a levar... quem sabe?

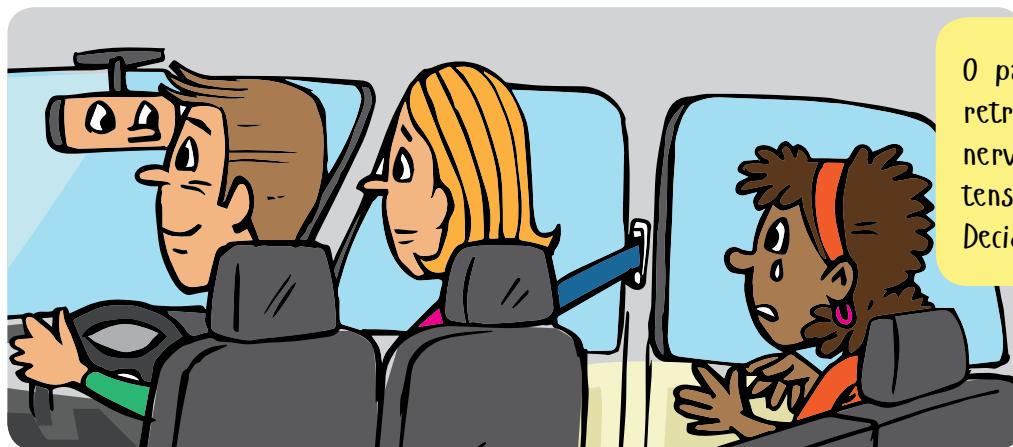


- Bom dia, filha. São horas de irmos tomar o pequeno-almoço! Saímos daqui a meia hora. O pai já está lá em baixo - disse a mãe, serena, aparecendo à porta do quarto.

- Bom dia, mãe. Vou já - respondeu a Mariana, olhando fixamente o sorriso da mãe, que sempre a deixava mais tranquila. Infelizmente, a mãe não se esquecerá que aquele dia era O DIA.



Já no carro, ainda com o estômago às voltas depois da meia torrada que conseguiu engolir, com muita insistência da mãe, Mariana olhava a paisagem que ia ficando para trás à medida que o carro avançava. As árvores passavam rapidamente, os telhados das casas pareciam dançar e as pessoas circulavam agitadas nas suas rotinas. 'Tudo o que eu queria era ir para a escola e pronto...' pensava a Mariana, cada vez mais nervosa.



O pai olhou-a pelo espelho retrovisor e apercebeu-se do nervosismo da filha, do rosto tenso, dos olhos lacrimejantes. Decidiu parar o carro.

- Meu amor... porque estás assim?
- perguntou virando-se para trás no banco e olhando a menina nos olhos.



A Mariana não conteve as lágrimas e começou a soluçar.

- Não quero ir! Vá lá, deixem-me não ir!
- pediu a menina em desespero.



- Mariana, não precisas estar nervosa ou amedrontada. O tribunal é apenas um sítio...
- começou a mãe a explicar.
- Já sei, onde se levam as pessoas presas e onde se decide a vida das pessoas!! Eu sei
- interrompeu a Mariana a gritar - e não quero ir!!!!!!
- O tribunal é isso tudo que tu disseste e muito mais... - disse a mãe, calmamente - é acima de tudo um local onde se ouvem as pessoas, as suas opiniões, as suas verdades. Só depois de se ouvirem as pessoas e se perceber o que é melhor para todos é que são tomadas as decisões de que falas. Querem que vás porque aquilo que tu pensas, achas e viveste é importante, porque tens o direito de falar antes que alguma decisão seja tomada. Não te parece tão bom que o juiz queira ouvir-te antes de decidir seja o que for? Significa que o que tu pensas e dizes tem valor!



- O juiz? São aqueles senhores de peruca branca e bata preta? - perguntou a Mariana enquanto limpava as lágrimas.

- Filha, na vida real as coisas nem sempre são como aparecem nos filmes - respondeu afavelmente o pai - cá os juízes não usam peruca e o nome da roupa preta é beca. Mas são pessoas como eu e tu e muitas vezes nem levam a beca quando vão ouvir as crianças. São pessoas que têm uma profissão muito bonita, tentam ajudar as pessoas, filha.



A Mariana descontraiu-se um pouco. Sentia que afinal talvez aquele dia não fosse o pior dia da sua vida. Com a voz menos trémula, continuou a fazer perguntas.

- Vocês entram comigo?



A mãe hesitou e depois respondeu firmemente.

- Não podemos e nem seria bom para ti. As pessoas que ali vão estar são as pessoas certas para te ouvirem e para te perguntarem o que precisam saber. Também não estamos contigo quando fazes testes ou provas na escola, pois não? E nem precisas que estejamos lá! A diferença é pouca: na escola respondes a perguntas sobre a matéria, aqui vais responder a perguntas sobre o que se passou e o que tu pensas. Só isso. E com uma enorme vantagem: aqui não tens que estudar!

- agradeceu a mãe, fazendo-lhe uma festinha no longo cabelo castanho.



- Mas na escola, se não sei não respondo... aqui...

- hesitou a Mariana, baixando o olhar para os seus jeans rasgados nos joelhos.





- Aqui é igual! Se não souberes ou não te lembrares de alguma coisa, não faz mal. Não existem respostas certas nem erradas, apenas é importante que sejas sincera e verdadeira, como costumavas ser sempre. Só assim se pode tomar a melhor decisão, não é filha? - tranquilizou-a o pai, ligando o rádio - Vá, temos que ir, deve haver trânsito.

-A Mariana permaneceu em silêncio, mas agora as borboletas que antes tinha no estômago, estavam mais calmas, talvez poisadas nalguma flor... Ouvia a música no rádio e, olhando lá para fora, viu um passarinho que esvoaçava ao seu lado e parecia dizer 'Vai correr tudo bem'.





Ao chegar ao tribunal, a Mariana viu o psicólogo com quem já tinha falado algumas vezes.

- Olá Mariana - disse o psicólogo, enquanto a convidava a sentar-se um pouco.

- Olá André - cumprimentou a Mariana, contente por ver uma cara conhecida.

- Olha, chamam-nos daqui a uns vinte minutos. Como já te expliquei antes, vamos conversar um pouco com o juiz. Às vezes na sala estão também os advogados, mas este juiz decidiu que estaremos só nós os dois, o oficial de justiça, o procurador e ele mesmo, claro. Seremos cinco pessoas lá dentro.

- Ok... - respondeu a Mariana, apertando a mão da mãe.



Ao ver passarem algumas pessoas com capas pretas, a Mariana perguntou:

- São juizes?

- Não, estes senhores são advogados - explicou o psicólogo - e usam estas capas que se chamam togas quando vêm ao tribunal. É como se fossem os uniformes, tal como há também noutras profissões... bombeiros, polícias, médicos...



A Mariana começava a perceber que ir ao tribunal não é afinal um bicho-de-sete-cabeças e quase, quase, quase que se sentia orgulhosa e importante. Afinal, as suas palavras tinham importância e só teria que ser sincera como os pais lhe recomendaram. E isso era muito fácil para ela... todos lhe iziam que era muito frontal, sempre pronta a opinar! Antes de entrar na sala de audiências, a mãe sussurrou-lhe exatamente as mesmas palavras: 'Vai correr tudo bem'



A Mariana entrou numa sala com cadeiras, mesas e uma mesa mais alta, onde estava um senhor, moreno e de olhos claros.

- Olá Mariana. Como estás? Podes sentar-te nessa cadeira? - disse o juiz tranquilamente

- Vou apresentar-te estas pessoas que estão aqui connosco. Este senhor ao meu lado é procurador e está aqui para tentar perceber, como eu, o que se passou, pois tem como função principal a defesa dos direitos e dos interesses das crianças. Esta senhora aqui com o computador é oficial de justiça e está a tratar da gravação do que nós dizemos, para que mais tarde ninguém se esqueça do que foi dito - continuou o juiz.





Leu depois algumas coisas que a Mariana não percebeu bem, deu algumas instruções à oficial de justiça e depois começou a falar com ela.

A voz do juiz era firme mas meiga e as perguntas que foram surgindo pareciam uma conversa. Em todos os momentos, a Mariana apenas se lembrava que a sua opinião era importante e que a verdade tinha que ser contada, para que a melhor decisão fosse depois tomada.



Mas houve uma pergunta...
uma pergunta que trouxe à
Mariana várias emoções.

A tristeza, a melancolia, a
dor, a vergonha espreitaram
e decidiram chegar, sem
sequer perguntarem se
podiam. 'Logo agora que tenho
que falar...' pensou a Mariana,
afflita, porque estas emoções
tiravam-lhe a voz.

- Não me lembro...
- balbuciou a Mariana,
baixando o olhar.



foi quando o juiz lhe disse gentilmente:

- Não faz mal... sabes, Mariana, às vezes
também há coisas das quais me esqueço ou
para as quais preciso de algum tempo para
pensar.. - respondeu o juiz, amavelmente
- vamos esperar um bocadinho para que
arrumes as tuas ideias, como se estivesses a
organizar os teus livros numa estante...

A Mariana sentiu-se mais tranquila por perceber que podiam esperar até que o reboço na sua cabeça se acalmasse e ela conseguisse responder. Acabou por responder, pois ali era importante lembrar até aqueles momentos nos quais não gostava de pensar.

E o dia afinal terminou. O dia que a Mariana queria apagar do calendário foi um dia solarengo e aconteceu e nesse dia a Mariana contribuiu para que a decisão do tribunal fosse a mais correcta.

O que contou a Mariana? Não sabemos. Aquilo que as crianças dizem no tribunal não tem que ser contado a toda a gente. A Mariana contará se quiser, a quem quiser e quando quiser.



O que achas que pode ter contado a Mariana?

Queres desenhar como é que a Mariana se sentiu depois de ser ouvida pelo juiz?

Queres desenhar como te sentes depois de leres esta história?

Conheces os direitos das crianças?

<http://www.unicef.pt/artigo.php?mid=18101111>

PALAVRAS-CHAVE

Advogado

É um profissional que defende os seus clientes e também pode fazer perguntas às várias pessoas no decorrer do processo. A criança também pode ter um advogado, cuja função é defender os seus direitos e interesses.

Audição da criança

A audição da criança é um processo que ocorre em tribunal, numa sala própria para o efeito, e no qual um ou mais profissionais (por exemplo, o juiz, o procurador, o advogado, o psicólogo) fazem algumas perguntas à criança e a ouvem, procurando saber o que pensa, sente, ou o que aconteceu na sua vida. A audição acontece porque a criança tem o direito de ser ouvida sobre os assuntos que lhe dizem respeito.

Beca

Roupa que o juiz usa quando está a trabalhar.

Direitos da criança

Todas as crianças têm direitos que foram pensados por adultos já há muitos anos. Estão escritos num documento que se chama “Convenção dos Direitos da Criança” e os países que concordaram com este documento têm a obrigação de respeitar esses direitos. Portugal é um desses países, desde 1989. Alguns direitos são, por exemplo, o direito à proteção contra qualquer forma de mau trato, ao amor, alimentação, segurança, educação, participação, igualdade, ou lazer.

Para conheceres melhor os teus direitos, pede ajuda a um adulto e vai à internet pesquisar em: [LINK](#)

Juiz

É o profissional que, depois de ouvir todas as pessoas envolvidas num processo, toma uma decisão final.

Justiça

A justiça é um princípio muito importante que procura que todas as pessoas tenham os mesmos direitos e sejam tratados de forma igual. Quando as pessoas vão a tribunal procuram que o seu problema seja resolvido de forma justa e correta.

Oficial de justiça

É um profissional que trabalha no tribunal e que é responsável pela colocação dos microfones, gravação das audições, e também por escrever aquilo que é dito pelas várias pessoas.

Procurador do Ministério Público

É o profissional que defende os direitos e interesses da criança e que, por isso, no processo de audição, também pode fazer-lhe perguntas.

Toga

Roupa que o advogado usa quando está a trabalhar.

Tribunal

É um local público onde as pessoas procuram resolver os seus problemas, com a ajuda do juiz, do procurador e dos advogados. Quando alguém é acusado de ter feito algo (por exemplo, se é acusado de ter cometido um crime) também tem o direito a ser ouvido e a ser julgado com imparcialidade, podendo depois ser considerado inocente ou culpado.

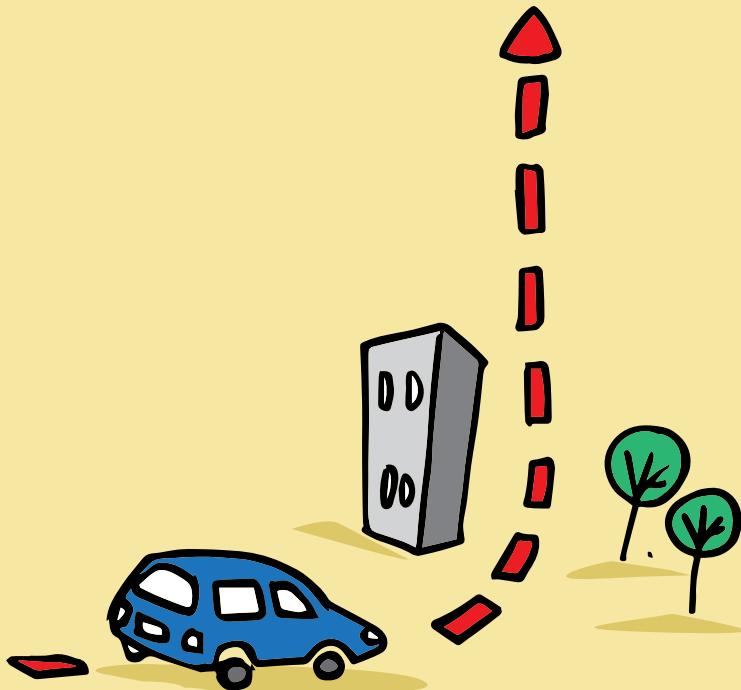
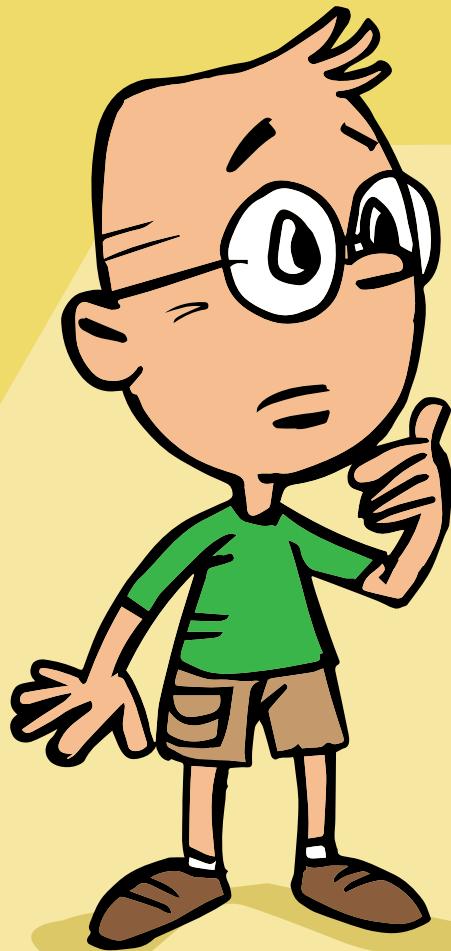
O João vai ao Tribunal

Autora: Eunice Guerreiro

Ilustrador: Pedro Cifuentes

Coordenadoras científicas:

Rute Aguilhas e Joana Alexandre (ISCTE-IUL)



O João vai ao Tribunal

Autora: Eunice Guerreiro

Ilustrador: Pedro Cifuentes

Coordenadoras científicas: Rute Agulhas e Joana Alexandre (ISCTE-IUL)

Consultores:

Alexandra Anciãe (psicóloga)

António José Fialho, Juiz de Direito - 3.ª secção de família e menores do Barreiro

Membro da Rede Internacional de Juizes da Conferência da Haia de Direito Internacional Privado

Alcina Costa Ribeiro (Juíza)

Cláudia Leirião (psicóloga)

Gonçalo da Cinha Pires (Juiz de Direito)

Joaquim Silva (Juiz de Direito)

Julieta Monginho (Procuradora do Ministério Público)

Luis Silva (advogado)

Rui Alves Pereira, Advogado, (Sócio Coordenador da Área de Prática de Clientes Privados de PLMJ, Sociedade de Advogados, RL)

Patrocínio: Conselho Regional de Lisboa da Ordem dos Advogados

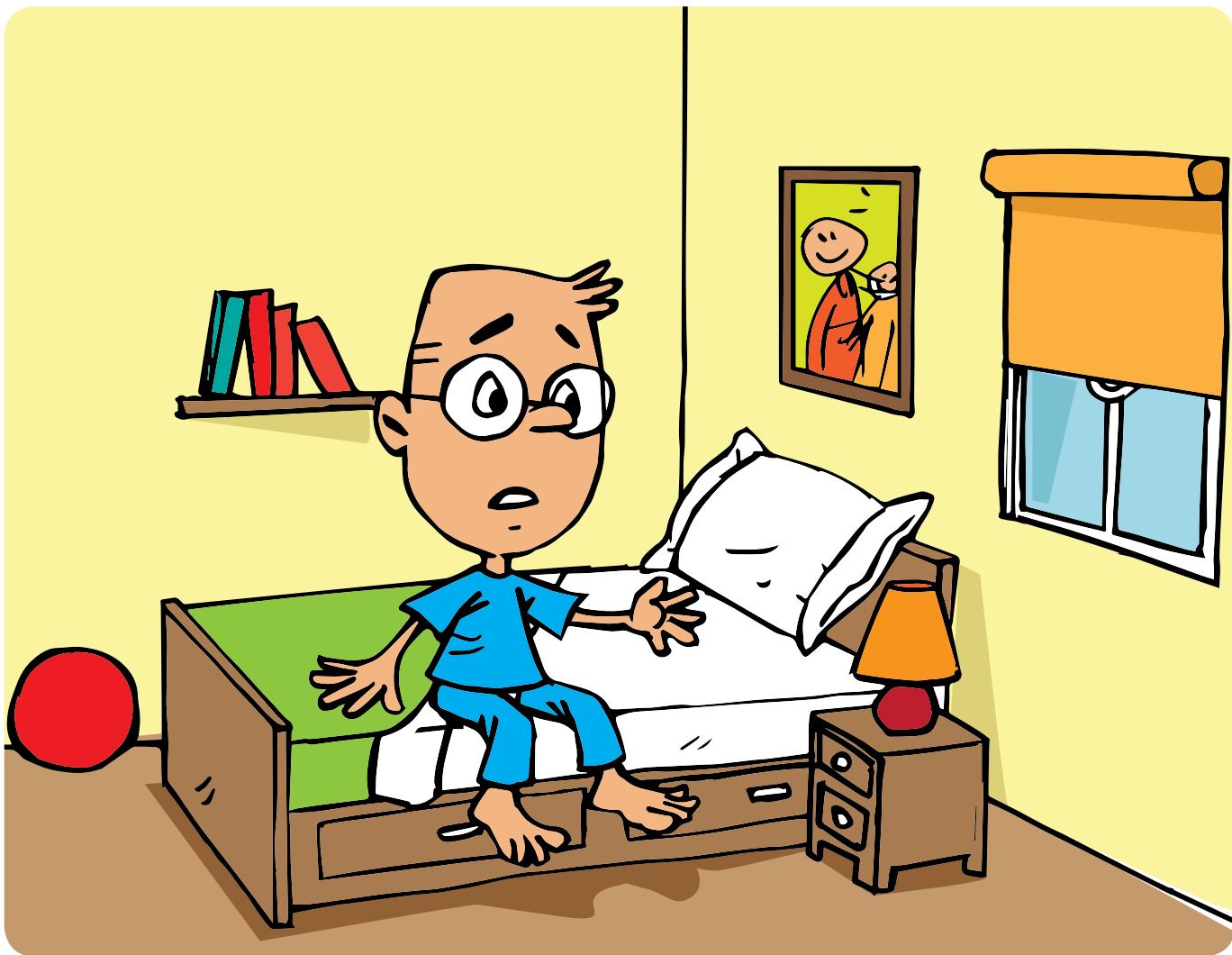
Apoio: CEJ

Depósito legal:000000000

Impressão: Gráfica

Data de impressão: 00 Setembro de 2016

O João vai hoje ao tribunal. Acordou nervoso porque é a primeira vez que vai a um tribunal; conhece a escola, o quartel dos bombeiros, o hospital e o centro de saúde e sabe o que fazem as pessoas que trabalham nesses sítios, mas sobre o tribunal tem alguns medos e algumas dúvidas.



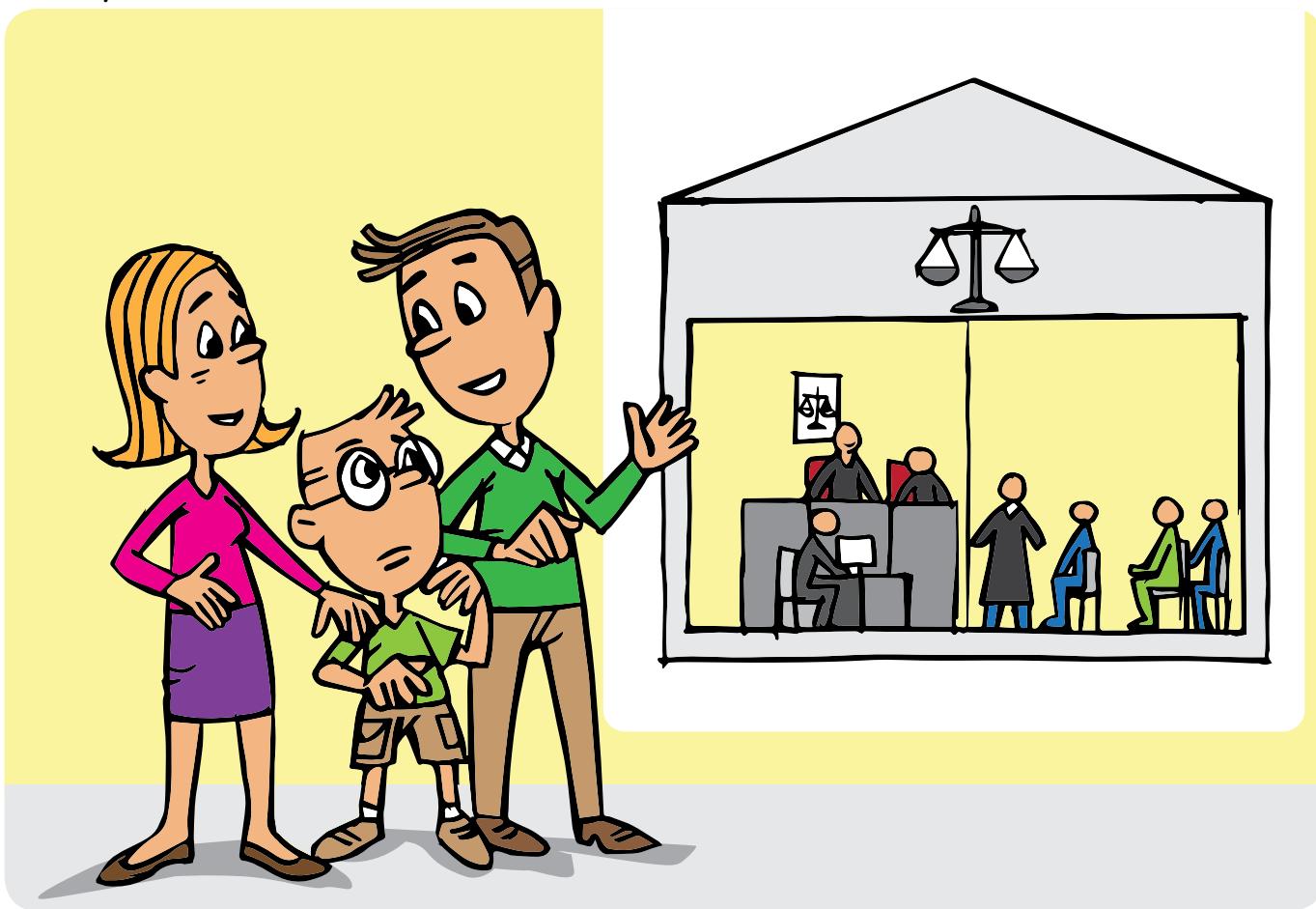
E tu, como te sentes?

Queres desenhar como te sentes por ires ao tribunal?

A mãe e o pai do João explicaram-lhe como ia ser este dia para que se sentisse mais tranquilo.

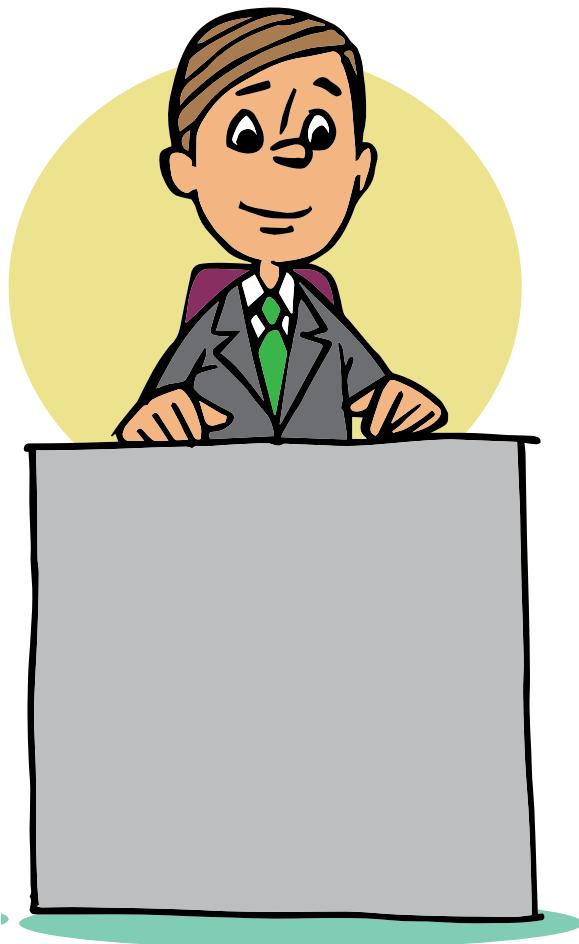
O que explicaram os pais do João?

Explicaram que o tribunal é um edifício com várias salas onde trabalham muitas pessoas que fazem coisas diferentes, mas que todas elas ajudam para que se tomem as decisões mais justas. E tu, sabes o que significa a palavra justiça? Queres escrever ou explicar em voz alta o que é para ti a justiça?

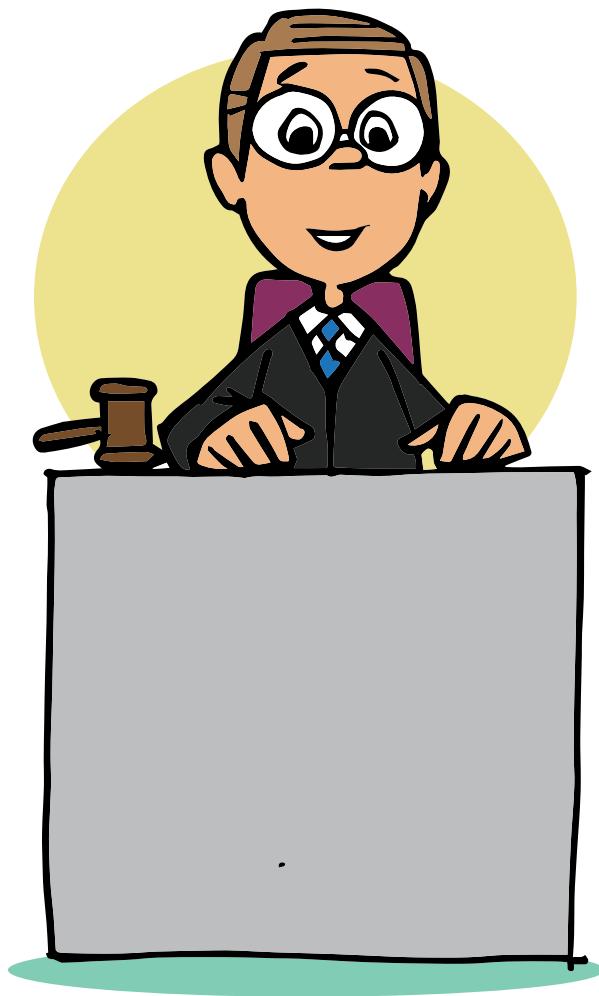


As pessoas vão ao tribunal para poderem ser ouvidas, para contarem o que sabem sobre algumas situações e para darem a sua opinião. Sabias que as crianças têm o direito de serem bem cuidadas e têm o direito de serem protegidas dos perigos? Disseram ao João que na sala onde ele vai ser ouvido podem estar várias pessoas:

- Um senhor (ou senhora) que precisa ouvir o João e outras pessoas que tenham informações importantes sobre o caso para perceber como tudo se passou... como se fosse um puzzle; é o procurador.



- o juiz (ou juíza), que faz perguntas e também quer encontrar a solução para o puzzle. Só depois de o puzzle estar completo e o juiz perceber tudo muito bem, poderá tomar uma decisão correta, que defenda os direitos e interesses da criança. O juiz pode estar ou não a usar a sua beca (é como uma capa preta, que é o uniforme que se usa nesta profissão). Lembras-te de outras profissões que têm uniformes? Escreve-as ou desenha-as.



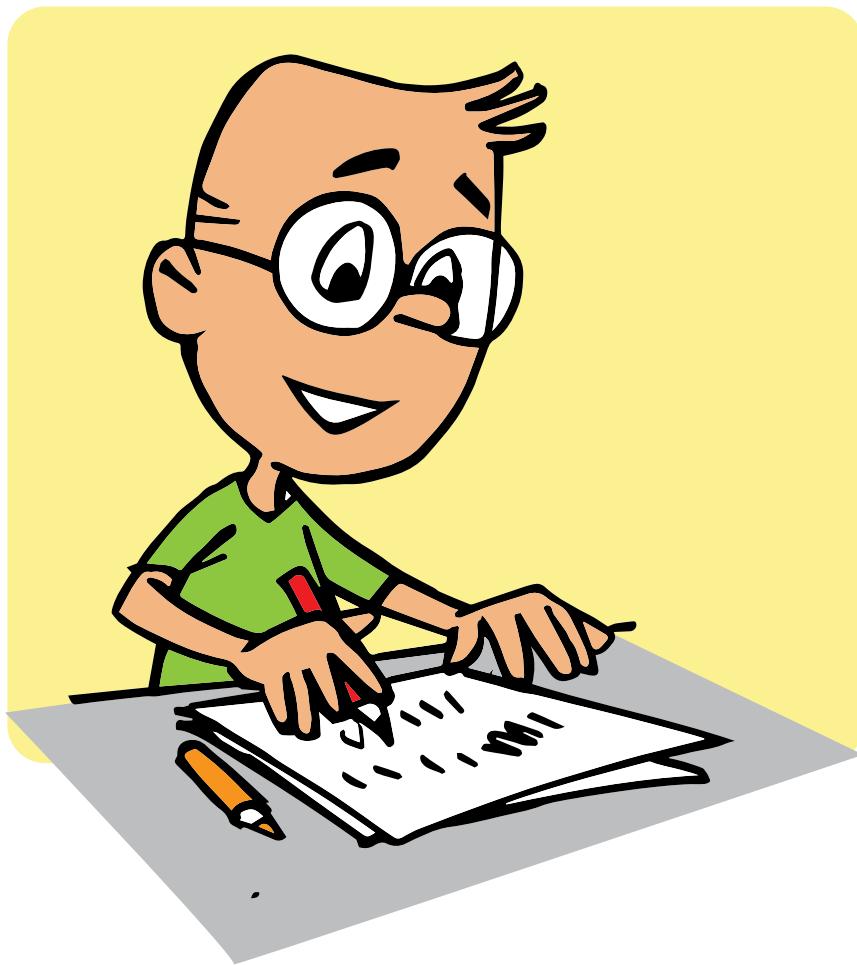
- os técnicos, que podem ser psicólogos ou assistentes sociais, e que estão no tribunal para falarem sobre as crianças que têm vindo a acompanhar. O que os técnicos dizem são peças muito importantes do puzzle! Os técnicos também ajudam as crianças a ficarem mais tranquilas, explicam-lhes tudo o que vai acontecer e estão ali ao seu lado. Podes pedir-lhe alguma coisa se precisares! Escreve ou desenha o que gostarias de pedir ao técnico!



- os advogados, que fazem perguntas e defendem as pessoas. Muitas vezes usam uma toga, que é o seu uniforme. Porém, quando o João falar, os advogados podem sair da sala, caso o juiz assim decida.



Os pais explicaram ainda porque é que o João não precisa ter medo nem estar nervoso: não tem que ter pressa para responder; tem tempo para pensar; pode dizer que não percebe a pergunta e pode até escolher responder através de desenhos! Sim, na sala onde vai ser ouvido, o João vai ter folhas e lápis de cor e pode fazer um desenho para contar o que se passou. O que achas desta ideia?



Algumas perguntas serão muito simples, outras poderão lembrar ao João alguns momentos ou acontecimentos que ele preferia esquecer. Mas é importante que o juiz saiba como tudo se passou, para que a verdade o ajude a tomar a melhor decisão. O João percebeu que afinal é uma pessoa tão importante como um adulto!

No final daquela conversa com os pais, o João sentiu-se mais sereno, mas tinha ainda uma pergunta para fazer:

- E se eu precisar ir à casa de banho?...



Os pais sorriram e responderam:

- Pedes para ir à casa de banho e depois a audição continua, sem nenhum problema.

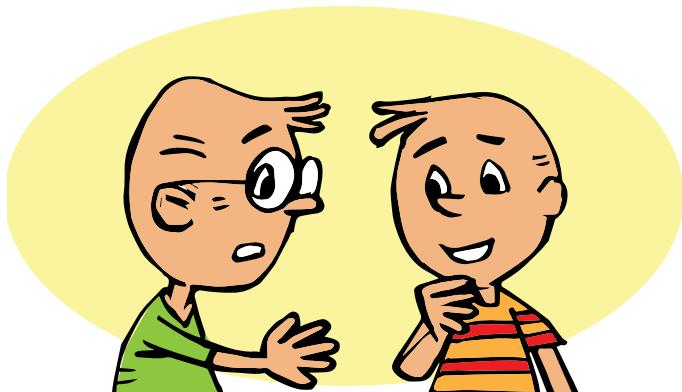
O João sabe agora que as pessoas que trabalham num tribunal são como os bombeiros, os médicos ou os enfermeiros: todas querem que ele seja feliz e que nenhum mal lhe aconteça. O João percebeu que, contando o que sabe e dizendo o que pensa, pode ser um grande ajudante do juiz. De início pode assustar um pouco, mas afinal ir ao tribunal não é assim tão difícil!

Que palavras novas achas que aprendeste? Que dúvidas tens ainda?

queres desenhar como te sentes agora que já sabes
como é ir ao tribunal?



Se pudesses ajudar outros meninos que também vão ao tribunal e se sentem nervosos, o que lhes dirias?



Vai à internet e conheces os direitos das crianças?
<http://www.unicef.pt/artigo.php?mid=18101111>

PALAVRAS-CHAVE

Advogado

É um profissional que defende os seus clientes e também pode fazer perguntas às várias pessoas no decorrer do processo. A criança também pode ter um advogado, cuja função é defender os seus direitos e interesses.

Audição da criança

A audição da criança é um processo que ocorre em tribunal, numa sala própria para o efeito, e no qual um ou mais profissionais (por exemplo, o juiz, o procurador, o advogado, o psicólogo) fazem algumas perguntas à criança e a ouvem, procurando saber o que pensa, sente, ou o que aconteceu na sua vida. A audição acontece porque a criança tem o direito a ser ouvida sobre os assuntos que lhe dizem respeito.

Beca

Roupa que o juiz usa quando está a trabalhar.

Direitos da criança

Todas as crianças têm direitos que foram pensados por adultos já há muitos anos. Estão escritos num documento que se chama “Convenção dos Direitos da Criança” e os países que concordaram com este documento têm a obrigação de respeitar esses direitos. Portugal é um desses países, desde 1989. Alguns direitos são, por exemplo, o direito à proteção contra qualquer forma de mau trato, ao amor, alimentação, segurança, educação, participação, igualdade, ou lazer.

Para conheceres melhor os teus direitos, pede ajuda a um adulto e vai à internet pesquisar em: [LINK](#)

Juiz

É o profissional que, depois de ouvir todas as pessoas envolvidas num processo, toma uma decisão final.

Justiça

A justiça é um princípio muito importante que procura que todas as pessoas tenham os mesmos direitos e sejam tratados de forma igual. Quando as pessoas vão a tribunal procuram que o seu problema seja resolvido de forma justa e correta.

Oficial de justiça

É um profissional que trabalha no tribunal e que é responsável pela colocação dos microfones, gravação das audições, e também por escrever aquilo que é dito pelas várias pessoas.

Procurador do Ministério Público

É o profissional que defende os direitos e interesses da criança e que, por isso, no processo de audição, também pode fazer-lhe perguntas.

Toga

Roupa que o advogado usa quando está a trabalhar.

Tribunal

É um local público onde as pessoas procuram resolver os seus problemas, com a ajuda do juiz, do procurador e dos advogados. Quando alguém é acusado de ter feito algo (por exemplo, se é acusado de ter cometido um crime) também tem o direito a ser ouvido e a ser julgado com imparcialidade, podendo depois ser considerado inocente ou culpado.